

VISÃO E CONSCIÊNCIA NA FILOSOFIA DA MENTE E NA FILOSOFIA BRASILEIRA

Augusto Simões Cunha<sup>1</sup>



\* Busca da Visão – *Vision Quest*

*Declaro inexistirem quaisquer conflitos de interesses, potenciais ou atuais, financeiros ou não financeiros, diretos, indiretos ou de outros tipos.*

### **Resumo**

Ao percorrer um labirinto cheio de curvas e obstáculos, um cego dotado da chamada “visão cega” afirma que, em sua opinião, acreditava ter andado em linha reta por um corredor vazio. Para o *darśana* (visão da verdade) *Sāṃkhya*, o conhecimento advém dos *antahkaranas* (mente e intuição), pela receptividade dos *gnanendriyas* (incluindo os olhos) e a consciência de *puruṣa*. Para Platão, os olhos emitem um fogo pelo qual se transmite aquilo que afeta a visão para uma instância superior da alma, que acolhe a sabedoria e a reflexão. Para Santo Agostinho, a visão inteligível, em conjunto com a razão superior, possibilita a contemplação das verdades eternas. Para Abraham J. Heschel, o Deus de Israel invisível se faz audível através dos profetas do Antigo Testamento. Com René Descartes, nossa visão pode nos enganar. Na Dióptrica,

---

<sup>1</sup> Bacharel em Direito pela USP (1998); Bacharel em Administração Pública pela FGV (1999); Master of Laws (LL.M.) por The University of Liverpool (2003); Bacharel em Filosofia pela USP (2013); Especialização em Filosofias das Índias Antigas pelo Instituto Paulista de Sânscrito (IPS) (2016); Mestrando em Filosofia pela Unesp, na linha de pesquisa de Lógica, Epistemologia e Filosofia da Consciência. Augusto.cunha@unesp.br

Descartes volta-se para a formação da imagem no cérebro, composta por movimentos que agem sobre a alma e provocam a visão. Lévi-Strauss critica certas categorias abstratas da filosofia ocidental, como o *cogito* cartesiano, que separam radicalmente o homem e a natureza. Entre seus objetivos, a filosofia brasileira busca a reintegração destas categorias. Cerimônias de reintegração do homem com a natureza, com o uso de ayahuasca, provocam visões chamadas de “mirações”. A filosofia universal deve incorporar tantas “visões” quantas possíveis.

**Palavras-chave:** visão, consciência, *Sāṃkhya*, conhecimento, filosofia indiana, filosofia ocidental, filosofia brasileira, ayahuasca, visão remota.

## 1. Visão e Consciência

A visão (Wikipedia, 2020) nos permite aprimorar a percepção do mundo. Nossos olhos capturam a luz que incide sobre a retina, uma superfície de tecido vivo formado por células fotorreceptoras, e transformam essa energia luminosa em impulsos nervosos levados ao cérebro pelo nervo óptico, onde a visão se faz consciente. No cérebro, inicia-se o processo de análise e interpretação que nos permite reconstruir as distâncias, cores, movimentos e formas dos objetos que nos rodeiam.

Os olhos são as ferramentas com as quais o cérebro cria o campo visual. “Ver com os olhos” significa usá-los em prol da visão, enquanto o cérebro é o órgão que processa os estímulos provenientes dos olhos criando a imagem visual. Em sentido mais amplo, a visão requer a intervenção de zonas especializadas do cérebro no córtex visual, que analisam e sintetizam a informação recolhida em termos de forma, cor, textura e relevo, entre outros.

Em virtude de acidentes ou doenças que lesionem, temporária ou permanentemente, os olhos, o ato de “ver com os olhos” pode ceder sua primazia a “ver com o córtex visual cerebral”. A chamada “visão cega” é a capacidade de reconhecer objetos em um ambiente, mesmo sem ter ciência de que se consegue vê-los. Este efeito ocorre em cegueiras corticais, onde o cérebro ainda consegue processar informações que os olhos intactos recebem. Mediante treinamento, o cego se torna capaz de reconhecer cores e expressões faciais.

Em reportagem da BBC Brasil, de 23 de dezembro de 2008 (BBC, Brasil, 2008) cientistas da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, em parceria com pesquisadores da Grã-Bretanha, Suíça e Itália, descobriram que um cego é capaz de se orientar em um labirinto sem a ajuda de uma bengala ou de outra pessoa, usando apenas o poder de um "sexto sentido".

O cego que se voluntariou para a pesquisa científica, identificado apenas como TN, usou sua intuição para andar em um corredor com cadeiras e caixas, sem esbarrar, usando mecanismos "escondidos" do cérebro, o que sugere a existência de recursos subconscientes no

cérebro para realizar estas tarefas. TN ficou cego por causa de lesões sofridas no córtex visual nos dois hemisférios do cérebro após uma série de derrames. Seus olhos são normais, mas seu cérebro não consegue processar a informação por eles enviada.

Independentemente das lesões em seu cérebro, TN desenvolveu a “visão cega”, incluindo não apenas a habilidade de detectar coisas em um ambiente mesmo sem estar ciente de que consegue vê-las, como também responder às expressões faciais de outras pessoas.

Embora o caminho percorrido fosse um labirinto, cheio de curvas e obstáculos, TN afirmou que, em sua opinião, ele não fez nada de excepcional, pois acreditava que tinha andado em linha reta por um longo corredor vazio. A perda da visão cortical alterou sua percepção do mundo: a realidade do labirinto sinuoso e cheio de obstáculos se submeteu à idealidade de um corredor reto e vazio.

## 2. A Visão e a Filosofia da Mente

“Mundo real” (labiríntico e sinuoso) e “mundo ideal” (corredor reto e livre) são temas caros à filosofia. Epistemologias e teorias do conhecimento são estudadas com o propósito de se conhecer a ontologia ou a verdade, definida por Aristóteles como a adequação entre aquilo que se dá no mundo real e aquilo que se dá no mundo ideal ou na mente. Onde está a verdade para TN: na realidade do labirinto com obstáculos ou na idealidade do corredor reto e livre?

### 2.1. A visão da Filosofia SĀMKHYA

Na Índia, a palavra de origem grega filosofia é comumente traduzida como *darśana* (em sânscrito, दर्शन) (Wisdomlib, 2020) que literalmente se traduz por “visão da verdade”. A palavra *darśana* é derivada da raiz √drś que significa tanto visão como o “instrumento de visão”. Ontologicamente, representa a visão direta, imediata e intuitiva da verdade. Epistemologicamente, é aquilo a partir do qual encontramos o conhecimento correto. O propósito filosófico de cada *darśana* é observar a natureza da realidade como um todo.

A origem dos *darśanas* é datada de, pelo menos, dois milênios antes de Cristo (2.000 a.c.) e encontrada nas escrituras sagradas dos Vedas. Nos tempos do *R̥gVeda*, os videntes indianos já se envolviam em especulações filosóficas, desde o monismo idealista até o dualismo realista e todas as suas variantes, reunidas nos seis *darśanas* que aceitam a autoridade sagrada dos Vedas: *Yoga*, *Nyāya*, *Vaiśeṣika*, *Mīmāṃsā*, *Vedānta* e, finalmente, o *Sāṃkhya*.

A palavra sânscrita *Sāṃkhya* possui diversos significados, como número, enumeração, busca, análise, cálculo, discriminação e investigação das categorias da existência. O *Sāṃkhya* é dualista, pela presença de dois princípios, duas substâncias ou duas realidades opostas, irreduzíveis entre si e incapazes de uma síntese final ou de recíproca subordinação. Um princípio seria aplicável ao “mundo real”, labiríntico e sinuoso, denominado *prakṛti* (matéria) e outro seria aplicável ao “mundo ideal”, de corredores retos e livres, denominado *puruṣa* (espírito).

Todos os fenômenos manifestos são efeitos da causa primordial *prakṛti* ou matéria imanifesta, predicada e constituída pelas *guṇas* ou qualidades, denominadas de *sattva* (estabilidade), *rajas* (movimento) e *tamas* (inércia). A *prakṛti* é a fonte originária de nossos corpos, incluindo a mente, o ego e a intuição, bem como órgãos de recepção (olhos, ouvidos, nariz, língua e pele) e as suas propriedades (visão, audição, olfato, paladar e tato).

Em oposição à *prakṛti*, o *puruṣa* (“homem”, em português) se aproxima da ideia de espírito ou consciência. *Puruṣa* também deve ser entendido pela noção de “observador” ou da “consciência que observa” ou testemunha, de forma neutra e passiva, os fenômenos da *prakṛti*. *puruṣa* não se identifica com os fenômenos que testemunha, nem interage com eles. *Puruṣa* é a consciência transcendental que “só observa, nunca se engana e tudo sabe”.

No texto *Sāṃkhyakārikā* (Íśvarakṛṣṇa, 1933) a estrofe ou *kārikā* XXXIII afirma que *mahat* (inteligência universal) ou *buddhi* (intelecto individual), *ahamkara* (ego) e *manas* (mente) são considerados órgãos internos (*antahkaranas*), que atuam no passado, no presente e no futuro. Já os dez *indriyas* (cinco *gnanendriyas* - nariz, língua, olhos, pele e ouvido; e cinco *karmendriyas* - ânus, genitais, pés, mãos e boca) compõem os órgãos externos e atuam somente no presente.

Do ponto de vista do *Sāṃkhya*, a busca do conhecimento ocorre por meio dos *antahkaranas* (incluindo a mente e a intuição), que estabelecem a adequação entre a receptividade dos *gnanendriyas* (incluindo os olhos) e a cognição de *puruṣa* ou da consciência, que conduz o “eu observador” por um caminho reto e sem obstáculos. Se a *prakṛti* ou matéria produz entendimentos obscuros e confusos, *puruṣa* revela a verdade clara e distinta.

## 2.2. A visão Platônica em Timeu e Crítias

Depois do aparecimento dos Vedas e antes do nascimento de Cristo, Platão (360 a.c.) nos apresenta por meio do Timeu a especulação sobre a natureza do mundo físico e dos seres humanos. Em Timeu, Platão reflete sobre o mundo labiríntico e sinuoso (“mundo sensível”) e sobre um mundo ideal, ou seja, o corredor reto e livre de TN (“mundo inteligível”).

A obra começa com uma distinção entre o mundo físico e o mundo eterno, onde o primeiro é o mundo que muda e perece e o segundo não muda nunca e, por isso, é apreendido pela razão. Timeu sugere que nada "se torna ou muda" sem causa, concluindo que a causa do universo deve ser um demiurgo ou deus. Este demiurgo "olhou" um modelo eterno e perfeito de formas ou ideais, a partir do qual o nosso mundo sensível foi criado e ordenado.

Se no *Sāṃkhyakārikā* os cinco *gnanendriyas* (nariz, língua, olhos, pele e ouvido) estabelecem a adequação entre o mundo externo e a cognição de *puruṣa* ou da consciência, no Timeu se afirma que o rosto foi instalado na frente da cabeça, em cuja cavidade foram instalados órgãos "para toda a presciência da alma" (Platão, 2012), sendo esta parte frontal a parte condutora do homem.

Platão, obviamente, desconhecia as propriedades da luz natural e da eletricidade e não distinguia os conceitos científicos de fogo e luz. Para o filósofo, os olhos eram "portadores de luz" e emitiam no mundo externo um fogo mais puro que os homens traziam dentro de si e que, ao invés de incinerar coisas e pessoas, proporcionava uma luz suave aparentada à luz solar:

"Desse modo, toda vez que a torrente visual é circundada pela luz do meio-dia, o semelhante faz contato com o semelhante, ocorrendo uma fusão que resulta na formação de um corpo aparentado alinhado à direção da visão ocular; isso acontece quando o fogo que jorra do interior do olho se choca com um objeto exterior que oferece obstrução, mas com o qual esse fogo fez conexão. E esse corpo, tendo se tornado totalmente semelhante do ponto de vista de suas propriedades devido à similaridade de sua natureza, transmite os movimentos de tudo aquilo com que entra em contato, bem como com tudo aquilo que entra em contato com ele, e através de todo o corpo até atingirem a alma. O resultado é a produção daquela sensação que denominamos agora visão." (Platão, 2012, 70)

Como vimos, entende-se atualmente que nossos olhos capturam passivamente a luz solar ou artificial, refletida nos objetos, que incide sobre a retina e que é transformada em impulsos nervosos levados para o cérebro, onde a visão se faz consciente.

Antigamente, na época de Platão, entendia-se que os olhos emitiam um fogo puro e atuavam ativamente na tomada de consciência da visão. Todas as reflexões visuais resultavam da combinação recíproca do fogo interior e do fogo exterior (sol), unidos sobre uma superfície e desviados de maneira variada, por ação do fogo do sol se fundindo com o fogo da visão.

Para Alice Bitencourt Haddad (Haddad, 2012), a ideia de um transbordamento da luz do sol para os olhos aparece no Timeu em três espécies de luzes envolvidas no processo de ver:

- (i) a luz dos olhos, que é um fogo puro, uniforme, que não se espalha ou queima;
- (ii) a luz do dia, o fogo originador da luz dos olhos, fabricado como um corpo pelos deuses, de luz branda e que tampouco queima, formando com a corrente exterior um corpo homogêneo: esse corpo formado pelo fogo visual e pelo fogo do dia é uma extensão do nosso

próprio corpo, “naturalmente unido a nós” ou “atado a nós”, e a visão se dá ali e não dentro da vista ou dentro de alguma parte daquilo que consideramos como nosso corpo; e

(iii) a luz que provém das coisas mesmas, cuja existência é garantida pela descrição que o filósofo faz das cores, como chamadas que emanam de cada um dos corpos e de partes proporcionais à vista de modo a ocorrer a percepção das cores, embora essa luz não seja suficiente para tornar esses corpos visíveis na ausência de uma outra luz interveniente. A percepção das cores, então, é provocada pelo encontro da luz das coisas com a luz dos olhos (Haddad, 2012).

Houve certo desprezo de Platão pelas explicações mecânicas dos fenômenos, bem como uma recusa das causas motrizes e materiais como as verdadeiras razões de um fenômeno. Após apresentar a visão dentro desses parâmetros, Haddad (Haddad, 2012, p. 9) afirma que todas essas causas para Timeu são apenas secundárias, acessórias, e que o mais importa é tratar da utilidade da visão, daquilo que deus tinha em vista ao dar primazia à visão.

No Timeu, conforme comentado por Haddad, a visão sensível aparece como condição para a existência da própria filosofia. Se a visão é uma metáfora que descreve o processo de conhecimento, o que na linguagem ordinária identificamos como “ver”, isso não se identifica com a descrição platônica da visão. Haddad (Haddad, 2012, p. 17) entende que, embora a visão dos inteligíveis seja explicada na obra platônica *A República* em função da imagem da visão dos sensíveis, os próprios inteligíveis lhes são anteriores e imprescindíveis.

Como a corrente visual tem como elemento preponderante o fogo, algo muito móvel por natureza, Haddad sugere que há a transmissão daquilo que afeta a visão para uma instância superior da alma que acolhe o discernimento, a sabedoria e a reflexão. Embora a autora reconheça que o Timeu não corrobore suficientemente sua hipótese de uma vinculação necessária entre visão sensível e conhecimento, há várias passagens nesta obra que permanecem como um problema para quem defende uma radical dissociação entre visão e consciência.

### **2.3. A visão Profética da Filosofia Judaico-Cristã**

*Disse Jesus: "Eu vim a este mundo para julgamento, a fim de que os cegos vejam e os que veem se tornem cegos". Alguns fariseus que estavam com ele ouviram-no dizer isso e perguntaram: "Acaso nós também somos cegos?" Disse Jesus: "Se vocês fossem cegos, não seriam culpados de pecado; mas agora que dizem que podem ver, a culpa de vocês permanece. ("Cegueira Espiritual". Bíblia Sagrada, Evangelho de São João, cap. 9, vers. 39-41)*

Na nascente tradição filosófica cristã com Agostinho de Hipona (séc. IV d.c.), a relação que se estabelece entre a visão sensível e a visão inteligível ou o conhecimento é de subordinação da primeira à segunda.

Para Agostinho, enquanto uma razão inferior está ligada à ação, ao trabalho, ao esforço e à luta, outra razão superior se conecta à verdadeira contemplação, que representa recompensa e repouso pela nossa visão parcial da realidade sensível. A razão superior, com a ajuda da visão inteligível, nos possibilita contemplar as verdades eternas:

“(...) Enxergamos os seres corpóreos por meio dos olhos corporais, mas não podemos refratar e fazer refletir sobre nós mesmos os raios que emitem e tocam tudo o que enxergamos, a não ser por meio de um espelho. (...) Contudo, de qualquer modo que se encare essa força que permite a nossa visão, seja ela irradiação ou outra coisa, temos a certeza de que se pudermos ver essa tal força não será com os olhos do corpo. Conseguirmos investigá-la, só será pela mente. E se possível, também será por meio dela que chegaremos a compreender a explicação dessa possibilidade. Portanto, assim como a mente adquire noções sobre coisas corpóreas servindo-se dos sentidos corporais, do mesmo modo em relação às realidades incorpóreas, ela as adquire por si mesma, por ser incorpórea. Pois se não se conhecer a si mesma não poderá amar-se a si mesma. (Agostinho, 1999)”

A alma incorpórea não pode ser vista nem por um espelho, mas apenas pela atitude de reflexão sobre si mesma. Da mesma forma, a Trindade (Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo) só pode ser vista por meio de um movimento introspectivo, no qual se revela a própria estrutura tripartite da alma humana, onde Deus se revela e se dá a conhecer:

“Mas quando chegar o dia da visão, face a face (1 Cor 13, 12), a nós prometida, veremos esta Trindade não somente incorpórea, mas também deveras inseparável e realmente inalterável. E nós a veremos com muito maior clareza e certeza do que agora vemos esta sua imagem que somos nós. E aqueles que agora vêem a Trindade aqui, por esse espelho e nesse enigma – na medida em que se pode vê-la nesta vida –, não são os que contemplam em sua mente essas três realidades que assinalamos e comentamos, mas os que a vêem em sua mente como imagem de Deus e podem relacioná-la àquele do qual são imagem, tudo o que vêem. De maneira que, por essa imagem que vêem pela contemplação, podem também pressentir a Deus por conjectura, posto que ainda não o podem ver “face a face”. Pois, na verdade, o Apóstolo não disse: “Vemos agora um espelho”, mas Vemos agora por meio de um espelho (1Cor 13, 12). (Agostinho, 1999).

O segredo da verdadeira visão agostiniana está em que, ao invés de a alma apreender sua própria existência através de um espelho, ela mesma se torna espelho e reflete a imagem de Deus. A alma do homem é como um reflexo e a imagem de toda a divina Trindade. Esse entendimento de que a alma humana é feita à imagem e semelhança de Deus encontra suas raízes no judaísmo e nas experiências proféticas narradas na Torad e na Talmud.

Para Abraham Joshua Heschel (1907 –1972), um rabino polonês radicado nos Estados Unidos da América, enquanto outras nações tinham adivinhos e videntes, os profetas hebreus tinham experiências descritas como uma “antropologia divina”: o Deus invisível se torna audível aos profetas e a sua mensagem é racional, clara e evidente.

Na Alemanha, Heschel começou a escrever sua tese de doutorado, intitulada de “Os Profetas” (Heschel, 1962). Em sua tese, Heschel estudou os livros dos profetas hebreus, suas vidas, seus estados mentais e contexto histórico. No capítulo 10 de “Os Profetas” (Heschel, 1962, cap. 10). Heschel nega que a profecia se origina a partir de um estado mental de transe extático, delirante e indisciplinado, por meio da separação temporária da alma e do corpo, seja em sono ou em vigília.

Ao contrário, o filósofo rabino afirma que, caso o êxtase fosse essencial para a experiência profética, Moisés, Amós, Oseas, Isaías e Jeremias seriam desqualificados como profetas, pois nenhum traço de êxtase é encontrado em suas experiências. Embora um profeta seja dominado pela palavra divina que lhe é revelada, as características singulares da experiência dos profetas hebreus é a consciência de estar dominado e receptivo à palavra divina.

A raiz das experiências extáticas nas religiões antigas reside no desejo de alguém ser possuído por um deus ou de se tornar “um” com deus. A palavra sânscrita “yoga”, por exemplo, significa a união da consciência individual com a consciência universal, seja deificada ou não. Esse desejo de se tornar “Um” com Deus é estranho e alheio ao homem bíblico, para quem o termo “União com Deus” seria uma blasfêmia.

Enquanto o preço da experiência mística extática (não profética) é a auto extinção da consciência individual, ainda que temporária, a consciência individual do profeta permanece intensamente presente e fervorosamente envolvida com a mensagem transmitida. O ato profético é o encontro da pessoa com o Deus vivo. O profeta é responsivo, não apenas receptivo.

Ao contrário do *insight* místico, que ocorre no abismo da mente ou nas profundezas do inconsciente, a iluminação profética ocorre com a plena lucidez de nossas faculdades cognitivas, no centro da consciência lógica, clara e distinta do remetente e do destinatário da mensagem transcendental. O Inspirador em nome de quem o profeta fala não é um Deus do Mistério, mas o Deus que tem um projeto para a História.

Para místicos e esotéricos, o êxtase ou a iluminação mística é sua própria realização. Em contraste, a profecia aponta para além de si mesma. Seu objetivo não é a iluminação ou expansão da consciência pessoal. O propósito da comunhão entre Deus e o profeta é fomentar a justiça, o amor e a compaixão, com a erradicação da opressão e da pobreza.

Mais importante do que o ato profético em si é a mensagem por ele revelada. Ainda que transmitida por um profeta a uma única pessoa, ela é necessária, universal e, sempre que revisitada, nos traz *insights* e conhecimentos. Nas palavras de Heschel:



“The primary purpose of prophecy is to impart understanding rather than to bestow exaltation.... The prophet receives a message which he must be able to communicate; he senses a pathos to which he responds in sympathy.” (Heschel, 1962, cap. 10).

No Novo Testamento, há somente uma profetisa, de nome Ana. Ao fazer a ponte do Antigo com o Novo Testamento, Ana permite que as revelações proféticas do Deus de Israel também estejam presentes na tradição cristã. Aqui, passarei a fazer um relato pessoal e vou me referir a mim pelas letras ASC.

Em 1994, ASC conheceu um verdadeiro profeta, chamado Frei Felipe Gabriel Alves, ou simplesmente, Frei Felipinho. Em fevereiro deste ano, ASC foi aprovado no vestibular para a Faculdade de Direito da USP. Anos antes, ainda no ensino médio, ASC praticava halterofilismo e começou usar anabolizantes. Após uma breve interrupção no uso de esteroides, ASC encomendou drogas francesas que chegariam no porto de Santos em setembro de 1994.

Em agosto de 1994, ASC abriu a Bíblia e colocou o dedo em uma palavra: *sangue*. Abriu e fechou de novo e colocou o dedo em outra palavra: novamente, *sangue*. ASC repetiu por mais quatro vezes e, seja no Antigo ou no Novo Testamento, sempre se deparou com a palavra *sangue*. Até que na sétima tentativa, seu dedo apontou para outra direção: era o capítulo três do Eclesiastes. ASC pegou seu caderno da faculdade e o copiou na última página:

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; (...); tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz. Que proveito tem o trabalhador naquilo em que trabalha? Tenho visto o trabalho que Deus deu aos filhos dos homens, para com ele os exercitar. Tudo fez formoso em seu tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até ao fim.”

Naquela época, ASC dividia uma quitinete de 15m<sup>2</sup> próxima à Praça da Sé com outros dois estudantes. ASC falou sobre a repetição da palavra *sangue* e um deles o aconselhou a se confessar com um padre. Após dez dias, ao anoitecer da sexta-feira, dia 02 de setembro de 1994, ASC saiu da biblioteca da Faculdade de Direito e foi ao confessionário do Mosteiro do Largo de São Francisco, para se confessar com o Frei Felipinho:

- Filho, me conte teus pecados.
- Faz tempo que não me confesso. Não sei mais como fazer isso.
- Comece pelos pecados mais graves e depois os mais leves.
- Então... eu faço uso de esteroides anabolizantes há alguns anos e agora a coisa vai ser forte... não vou parar... se quiser me perdoe, se não quiser, vou embora agora...
- “Estê” o quê? Este-o-róide? O que é anabolizante?
- Então... aquilo que você toma que te faz ficar forte e grande (...)
- Mas isso é alguma droga?
- Não sei... acho que sim, de uma certa forma....
- Isso vicia?
- Não sei... acho que sim, psicologicamente....

- [Frei, após chacoalhar a cabeça convulsivamente e falar palavras ininteligíveis, depois se acalmando] Filho, a tua hipófise até agora assimilou os hormônios que você tem tomado, mas chegará o momento em que você deixará de produzir testosterona...

[Novo chacoalhar de cabeça e novas palavras ininteligíveis]

- [Frei, ainda de cabeça baixa e olhos fechados] ... Eu fui até um hospital, você estava no canto de uma sala grande e vazia, com uma faixa ao redor do punho... eu pedi para você desenrolar a faixa [Frei fazendo o gesto de desenrolar a faixa do punho, mas de cabeça baixa e olhos fechados] e vi uma cabeça cortada de gato com os dentes fincados atravessando seu punho... você, envergonhado, colocou a faixa de volta e eu fui embora... eu voltei no hospital e vi seu corpo todo arranhado...

Eu vi duas mulheres, mãe e filha, sendo arrastadas pelas águas... a filha se salvou, mas a mãe não... a mãe morreu afogada...

- [Frei, levantando a cabeça, mas de olhos fechados] Marcos, Marcos, meu filho Marcos... Marcos tinha escritório [levanta a mão direita, punho cerrado] e tinha noiva [levanta a mão esquerda, punho cerrado]... Marcos foi ao médico e o médico disse que a sua impotência sexual era irreversível... Marcos perdeu o escritório [abaixa a mão direita], Marcos perdeu a noiva [abaixa a mão esquerda]... Marcos perdeu tudo....

Filho, você não tem dinheiro para viajar neste feriado, mal tem dinheiro para comer, não gaste com estes anabolizantes...

- [Frei, impaciente, abrindo e arregalando os olhos] Filho, mais algum pecado?

- [ASC, achando tudo muito estranho, disse algo sobre desentendimentos com sua mãe]

- [Frei, impaciente e visivelmente entusiasmado] ... Filho... Não sou eu quem te digo estas coisas, quem te diz isso é Jesus Cristo e Ele é o Senhor da História.... Você não deverá rezar orações como penitências pelos seus pecados, você não falará com Deus, Deus falará com você... vá agora até a Igreja, ajoelhe-se e diga “Senhor, aqui está o Teu servo Samuel, fala que eu Te escuto” e então Deus falará com você.

Ao sair da sala de confessionário, em menos de um minuto, ASC estava na igreja. Era noite de inverno e a missa das seis já havia começado. Ajoelhou-se no último banco da igreja e repetiu as palavras do Frei: “Senhor, aqui está o Teu servo Samuel, fala que eu Te escuto”.

Neste momento, uma senhora que estava sentada no altar ao lado do padre se levantou, foi até o púlpito com a Bíblia e disse: “1ª Leitura: Leitura do Livro do Eclesiastes, Capítulo 3, versículos de 1 ao 11”. E então repetiu o mesmo texto que ASC havia escrito na última página de seu caderno da faculdade, dias atrás. ASC sentou, chorou e voltou para seu apartamento.

Na noite seguinte, sem conseguir dormir, ASC se imaginou em uma missa da Renovação Carismática Católica dando testemunho do “milagre” que havia experienciado e, para provar que era um novo homem, sem superstições, ASC arrancou uma fita de Nosso Senhor do Bonfim que trazia amarrada no punho.

No mesmo instante em que arrancou a fita, ASC teve a “visão” da cabeça cortada de gato com os dentes fincados atravessando seu punho, nas palavras do Frei, sendo dali retirada, e o seu corpo todo arranhado sendo cicatrizado. Havia três anos que aquela fita estava amarrada no punho de ASC, com três nós: o primeiro pedido era “ficar forte”, o segundo era “ficar forte” e o terceiro era “ficar ainda mais forte, a qualquer preço”. Os arranhões eram as várias agulhas de injeções que perfuraram seu corpo para nele inocular os anabolizantes.

ASC devolveu os esteroides ao traficante santista e doou o dinheiro que lhe foi reembolsado para a pastoral da AIDS. ASC casou com uma mulher resgatada das águas (onde

sua sogra falecera, por meio de um raio que electrocutou as praias de Mongaguá em janeiro de 1993), teve dois filhos (o mais velho se chama Samuel), adotou duas meninas e se divorciou.

Atualmente, ASC tem quatro filhos e dois enteados. O restante da narrativa do Frei naquela confissão se relaciona com fatos que, naquele setembro de 1994, eram pretéritos ou seriam futuros na vida de ASC, exceto a perda da noiva, a perda do escritório e a impotência sexual, pois aquela visão profética, de profunda sabedoria, mudou o curso de sua história.

#### 2.4. A visão Cartesiana: O Cogito e Deus

*“(...) donde desejaria quase concluir que se conhece a cera pela visão dos olhos e não pela tão só inspeção do espírito, se por acaso não olhasse pela janela homens que passam pela rua, à vista dos quais não deixo de dizer que vejo homens da mesma maneira que digo que vejo a cera; e, entretanto, que vejo desta janela, senão chapéus e casacos que podem cobrir espectros ou homens fictícios que se movem apenas por molas? Mas julgo que são homens verdadeiros e assim compreendo, somente pelo poder de julgar que reside em meu espírito, aquilo que acreditava ver com meus olhos. (...) Pois pode acontecer que aquilo que eu vejo não seja, de fato, cera; pode também dar-se que eu não tenha olhos para ver coisa alguma; mas não pode ocorrer, quando vejo ou (coisa que não mais distingo) quando penso ver, que eu, que penso, não seja alguma coisa.*

(Trechos da Segunda Meditação) (Descartes, 1983)

No estudo do dualismo de substâncias em Filosofia da Mente, o grande expoente é o filósofo René Descartes (1596-1650). Segundo Descartes, há dois tipos de substâncias: de um lado, a matéria apreendida pelos sentidos, corpórea, tridimensional e, de outro lado, o *cogito* ou a razão consciente do ser humano, dotada de uma substância invisível, incorpórea, sem extensão, cujo sinal distintivo seria o duvidar e, conseqüentemente, o pensar.

Nas Meditações Cartesianas, ou mais extensamente, nas Meditações Concernentes à Primeira Filosofia, nas quais a Existência de Deus e a Distinção Real entre a Alma e o Corpo do Homem são Demonstradas, a Primeira Meditação aparece com o subtítulo Das Coisas que se Podem Colocar em Dúvida.

O filósofo afirma haver tomado, ao longo de sua vida, muitas opiniões falsas por verdadeiras, que o povoaram de princípios duvidosos e incertos. Então decide desfazer-se de tais opiniões e começar tudo do início, para estabelecer algo de firme e de constante nas ciências. Tudo o que Descartes havia recebido como verdadeiro deu-se por meio de seus sentidos, como a sua visão, que já o enganou algumas vezes e que poderia enganá-lo sempre.

Ao dormir, Descartes afirma que sonhamos com pessoas e coisas, que nos parecem tão verossímeis quanto aquelas que observamos em estado de vigília. Então, Descartes testa suas faculdades sensoriais, mexendo em papéis, balançando mãos e cabeça, e pondera que, enquanto em vigília, tais ações lhe parecem mais claras e distintas. Mas ilusões lhe enganaram algumas vezes e, portanto, podem lhe enganar sempre, não havendo clara distinção entre sonho e vigília.

Já no caso da aritmética e da geometria, que prescindem da existência e da natureza, qualidade ou atributos de seus objetos de estudo, tais ciências parecem conter algo de certo e indubitável. Afinal, dois mais três são cinco, quer esteja acordado, quer esteja dormindo. Aqui, Descartes introduz o argumento de um Deus enganador, que nos faria pensar que existem céus e terras, extensões e durações, mas em realidade nada disso existiria. Afinal, que dois mais três sejam cinco pode ser uma falácia deste Deus enganador.

Se há pessoas que preferem duvidar da existência de Deus à existência das coisas, Descartes então assente que tudo o que tenha sido dito de Deus possam ser fábulas. Mas quer seja ele (Descartes) fruto do acaso, do destino ou da fatalidade, é certo que falhar e se enganar são imperfeições e, quanto menos poderoso for o autor de sua origem, mais provável que ele seja imperfeito e que sempre se engane. Nossa visão e as demais sensações decorrentes de nossos sentidos poderiam ser puras ilusões.

Na Segunda Meditação, intitulada Da Natureza do Espírito Humano; e de como Ele é mais Fácil de Conhecer do que o Corpo, Descartes introduz seu dualismo de substâncias. Ao filósofo só lhe resta duvidar e se afastar de toda obscuridade, até encontrar algo que seja certo. Com uma alavanca e um ponto fixo, Arquimedes moveria o mundo. Encontrar uma única coisa, certa e indubitável, para com ela mover toda a filosofia e a ciência, era a aspiração de Descartes.

Para o filósofo, a ideia de corpo era de algo extenso, que preencha o espaço, dotado de sentidos e de capacidade de se movimentar. Mas a alma, algo extremamente sutil e disseminado pelo corpo extenso, tocava este corpo e dele recebia impressões. Esta alma pensa. A assertiva *eu sou, eu existo*, é certa por todo o tempo que nela se pense.

Descartes supõe que uma ideia pode originar outra ideia, o que eliminaria a necessidade temporária do objeto atual. Contudo, isso não pode se estender ao infinito, mas é necessário chegar a uma primeira ideia, na qual toda a realidade ou perfeição esteja contida formalmente e a qual só se encontre objetivamente ou por representação nessas ideias. Daí conclui que as ideias são quadros ou imagens que podem não conservar a perfeição das coisas de onde foram tiradas, mas que jamais podem conter algo maior ou mais perfeito.

O sujeito, então, tem em si a ideia que representa a si mesmo (*cogito*), outras que representam Deus, as coisas corporais e inanimadas, os anjos e os outros homens. Destas ideias, a que possibilitará ao sujeito sair de seu isolamento é justamente a ideia de Deus, pois se deve considerar que ela é a única que não pode proceder do sujeito.

## 2.5. A visão Cartesiana e a Física Ótica

A ótica (do grego *optiké*, "visão") (Wikipedia, 2021) é o ramo da física que estuda os fenômenos cuja causa determinante é a energia radiante. A ótica explica, a partir das proposições quanto às trajetórias seguidas pela luz, o estudo da natureza constitutiva da luz, as causas dos defeitos de visão, a projeção de imagens, a estrutura atômica, entre outros.

Os estudos relacionados à ótica vão além da luz visível, de forma a abranger outros tipos de radiação eletromagnética, seja ela infravermelha, ultravioleta, raios X, micro-ondas, ondas de rádio ou raios gama. A ótica, nesse caso, pode se enquadrar como uma divisão do eletromagnetismo e devido à dualidade onda-partícula algumas propriedades da ótica são áreas de estudos da mecânica quântica.

A ótica também está presente em outras áreas de estudo. Na medicina destaca-se o estudo do olho humano e das lentes corretivas, bem como no uso de lasers em procedimentos cirúrgicos. Na astronomia, através dos telescópios e, na fotografia, pelas lentes, além de estar presente no uso cotidiano, tendo como principal exemplo os espelhos.

Na opinião de Franco Donatelli (Donatelli, 2008), nos tratados “O Homem” e “Dióptrica”, Descartes não explica satisfatoriamente como ocorre a transmissão da imagem da retina ao cérebro. Ao considerar a função do nervo na transmissão da imagem, Descartes toma como ponto de partida a redução das qualidades percebidas nos objetos às seguintes: luz, cor, situação, distância, tamanho e figura, sendo que apenas as duas primeiras pertenceriam à visão.

Precusores de Descartes, como Kepler, Alhazen e Vittelion, já defenderam a inexistência de raios visuais, emitidos pelos olhos, que refletiriam sobre os objetos tornando-os visíveis. Para estes cientistas, os raios luminosos entram nos olhos e formam diretamente uma imagem do objeto com suas cores sobre o cristalino.

Ao rejeitar a tese dominante segundo a qual a imagem se forma no humor cristalino, Kepler assimila o olho ao modelo de uma câmera escura e defende a formação da imagem na retina. Isso faz com que o olho seja considerado como um instrumento ótico sujeito às mesmas leis que regem a formação de imagens em um dióptro.

Segundo Kepler, a visão se dá pela convergência de raios causada por refrações sucessivas que produzem uma imagem invertida sobre a retina, que por sua vez constitui o campo limítrofe da ótica. A respeito da transmissão dessa imagem ao cérebro por meio dos nervos, esse assunto escaparia à esfera da física óptica, sendo remetido à fisiologia.

Ao adotar a tese de Kepler sobre a função do nervo óptico na transmissão da imagem retiniana, Descartes inova no tratamento da óptica, indo além da “parede branca e côncava” sobre a qual se forma a pintura do objeto, constituindo a visão. A transmissão da imagem ao cérebro, unida às leis da refração, estabelece os pontos que compõem uma explicação satisfatória do fenômeno óptico, possibilitando entender o papel dos humores nos olhos (DONATELLI, 2008).

Assim, a visão cartesiana ultrapassou o campo da retina e levou em conta outra pintura sobre a superfície do cérebro por meio da ação dos nervos. Na Dióptrica, Descartes volta-se para esta formação da imagem no cérebro, que está na base da explicação da sensação visual: a pintura interna seria composta por movimentos que agem sobre a alma provocando essa sensação. Nas palavras de Franco Donatelli:

“A explicação da visão constitui um caso da explicação dos sentidos, ou seja, o que vale para os sentidos em geral vale para a teoria da visão. Assim como a mente pode ser estimulada por signos e palavras que não guardam nenhuma semelhança com as coisas por eles significadas, as imagens evocadas por Descartes remetem a uma representação que não reproduz fielmente os objetos externos, mas transmite uma codificação que, no caso da visão, é produto da reflexão dos raios luminosos sobre a superfície do olho com a conseqüente ação sobre os nervos até atingir o cérebro. (...) A alma vê por meio das pinturas formadas no cérebro, que se constitui como ponto de chegada dos nervos responsáveis pela transmissão dos movimentos que estão na base dessas pinturas codificadas. Em todo esse desenvolvimento sobre a visão, Descartes enfatiza, em diversas passagens, que o olho não vê, mas sim a alma. Isso não se dá de forma imediata, mas por meio do cérebro.” (DONATELLI, 2008, p. 33)

Descartes contribuiu decisivamente para a física ótica com a Segunda Lei da Refração, entendida como o desvio angular sofrido por um raio de luz ao passar para um meio com índice de refração diferente do qual ele percorria. Se o raio de luz estiver indo do meio mais para o menos refringente, situação em que a sua velocidade aumenta na refração e o raio refratado tende a se afastar cada vez mais da normal, poderá chegar a uma situação em que a porção refratada saia rasante, tocando a superfície de separação dos dois meios.

Esta Segunda Lei da Refração foi descoberta experimentalmente pelo holandês Willebrord van Royen Snell (1591-1626) e, mais tarde, deduzida por Descartes a partir de sua teoria corpuscular da luz. Nos Estados Unidos, ela é chamada de Lei de Snell e na França, de Lei de Descartes. Em Portugal e no Brasil, é costume chamá-la de Lei de Snell-Descartes.

### **3. A visão e a Filosofia Brasileira**

#### **3.1. O que é Filosofia Brasileira**

Tradicionalmente, o Brasil como nação foi pensado por diversos autores, escritores e historiadores. Em 1936, Sérgio Buarque de Holanda publicou a primeira edição de *Raízes do Brasil*, que retratou a decomposição da sociedade tradicional brasileira e da emergência de novas estruturas políticas e econômicas. Uma visão inovadora que introduziu os conceitos de patrimonialismo e burocracia, explicando os novos tempos.

Em sua obra, Holanda buscou na história colonial as origens dos problemas nacionais. Holanda via o brasileiro como “homem cordial”, que age pelo coração e pelo sentimento e prefere as relações pessoais ao cumprimento de leis objetivas.

O Brasil Colônia é visto com pouca organização social, daí o recurso à violência e ao domínio personalista. A escravidão desvalorizou o trabalho e favoreceu aventureiros que desejavam prosperidade sem custo, traços que se refletiam no cultivo da terra, por métodos predatórios semelhantes aos da mineração.

Holanda perscrutou a essência do brasileiro, construindo um panorama histórico no qual inseriu seu “homem cordial”, que é fruto de nossa história, originada da colonização portuguesa, a partir de uma estrutura política, econômica e social completamente instável de famílias patriarcais e escravagistas.

Em uma abordagem mais literária, Didier de Moraes convida os leitores de seu livro *Miragens Peregrinas* (Didier de Moraes, 2004) a pensar como a ideia de nação brasileira se constituiu. Ela dialoga com autores como Euclides da Cunha e Ariano Suassuna, explorando a configuração de nação e a construção e reconstrução do que é e do que poderia ser o Brasil como enunciação.

Inicialmente, Didier de Moraes mostra a inserção desses autores em algumas das discussões coletivas de suas épocas e a busca da nacionalidade, com a imagem do sertão e da tradição nordestina. O sertão é visto como construção histórica e simbólica relacionada à nação brasileira, ao mesmo tempo em que são exploradas as impressões de Euclides e Suassuna sobre o sertão e como este último vê, neste lugar, um “espaço de encantamento” e uma “unidade messiânica de contrários”.

Muitos autores e obras são chamados para compor o projeto de Brasil de Suassuna, mas a leitura mais ressaltada é a de Euclides da Cunha, que tem importância significativa em sua

formação e define em parte o seu entendimento. Suassuna busca redefinir os rumos do presente por meio do contorno do passado, estabelecendo um diálogo com textos e imagens para formar o seu “sonho de Brasil”.

Para se pensar o Brasil no campo da Filosofia, alguns intelectuais de esquerda iniciaram a divulgação de seus trabalhos e pensamentos entre os anos 1980 e 1990 (Wikipedia, 2021): Alfredo Pereira Junior, Vladimir Safatle, Roberto Mangabeira Unger, Emir Simão Sader, Silvio Gallo, Mario Sergio Cortella, Dermeval Saviani, Paulo Ghiraldelli Jr., Oswaldo Giacóia Júnior, Márcia Tiburi, Viviane Mosé, Nildo Viana, Sérgio Paulo Rouanet e José Américo Motta Pessanha.

Como contraponto a este movimento, muitos filósofos foram na contramão desta corrente de esquerda: os liberais Roberto Campos, Denis Lerrer Rosenfield, José Guilherme Merquior, Paulo Francis e Luiz Felipe Pondé; e os conservadores Paulo Mercadante, José Osvaldo de Meira Penna e Olavo de Carvalho (este último não possui formação acadêmica).

Em particular, Alfredo Pereira Júnior recentemente iniciou a organização de grupos de estudo e de pesquisa com o propósito de se (re)pensar uma filosofia genuinamente brasileira. A meu pedido, Pereira Jr. esboçou uma definição preliminar do que seria a *Filosofia Brasileira*, como segue:

“Sendo o Brasil um país historicamente colonizado e escravagista, as origens da filosofia brasileira são marcadas por concepções trazidas de outras matrizes de pensamento, como a francesa, marcada pelo etnocentrismo e positivismo. Para realizar este tipo de trabalho com rigor acadêmico, a USP trouxe filósofos renomados, que implantaram um método de estudo e discussão dos filósofos clássicos que definiu o formato da filosofia brasileira no Séc. XX, com raras exceções de pensadores que procuraram desenvolver abordagens originais a partir de sua situação histórica.

No Séc. XXI há uma expansão significativa da filosofia no Brasil, a partir da expansão da pós-graduação, e durante um período de tempo devido à inserção da disciplina como obrigatória no ensino médio. Com a diversidade de movimentos sociais que eclodem a partir de 2013, muitos pensadores passam a buscar na filosofia um embasamento para suas práticas sócio-políticas. A polarização direita-esquerda acirra o debate filosófico, tendo, por exemplo, de um lado Olavo de Carvalho como mentor da direita e de seu candidato vitorioso à presidência, e pessoas de formação filosófica como Fernando Haddad e Guilherme Boulos como candidatos à presidência do lado da esquerda. Começa-se a cobrar dos filósofos abordagens abrangentes, enraizadas no contexto brasileiro, no plano da racionalidade do estado e com dimensão estratégica, para se forjar um projeto de desenvolvimento para o país.” (Pereira Jr, 2020).

Popularmente, o termo filosofia brasileira se associa a um fenômeno contemporâneo de pensadores “midiáticos” de variadas orientações políticas e filosóficas, como Leandro Karnal, Mário Sérgio Cortella, Clóvis de Barros Filho e Luiz Felipe Pondé. Com Pondé, assistimos a um novo nascer da teologia aliada ao estudo da filosofia clássica.

O filósofo, diplomata e teólogo Marcos Azambuja se destacou no meio como um dos maiores teólogos e estudiosos atuais do judaísmo e do cristianismo, tendo como aluno de



destaque o midiático e conservador Pondé, quem considera Azambuja "o maior nome da espiritualidade e da tradição judaico-cristã da história do pensamento brasileiro".

### 3.2. As Raízes da Filosofia Brasileira

Para efeitos de um artigo que se propõe a discutir as conexões e sinapses entre visão e consciência, não se pode pensar em filosofia brasileira sem se pensar na filosofia indígena brasileira. Dentre os renomados filósofos que a USP trouxe da Europa para implantar um método de estudo e discussão dos filósofos clássicos no início do século XX, Lévi-Strauss já falava tanto de uma filosofia ameríndia, quanto de uma filosofia indígena.

De acordo com Alexsandro M. Medeiros Lévi-Strauss sentia um certo incômodo e descontentamento com certas categorias abstratas da filosofia ocidental, como o *cogito* cartesiano. De acordo com Sztutman; Matarezio Filho, citado por Medeiros (Medeiros, 2020), Lévi-Strauss em seu livro intitulado *Tristes Trópicos*:

“(...) se afastou da filosofia, dessa filosofia do sujeito, dessa filosofia que congela tudo, que coloca o sujeito supremo, um “eu penso”, que separa o homem do mundo natural, toda essa filosofia que não interessava a ele – e que ele viu um contraponto nisso na antropologia, viu um contraponto disso no pensamento dos índios –, ele reencontra nesses filósofos, como Bergson e Rousseau, um contraponto a essa filosofia standard e uma crítica possível também a essa filosofia do sujeito, em que há essa separação radical entre o homem e a natureza, o mundo natural”  
(...) Lévi-Strauss “recorre a Rousseau como antídoto para a ideia do cogito, do penso logo existo, essa separação entre o homem e o natural. Quando Rousseau diz que a condição do pensamento é a identificação com o outro, e esse outro não é necessariamente humano, ele é animal, ele é planta, isso é condição para o pensamento.” (MEDEIROS, 2020)

Medeiros cita seu colega docente Gersém Baniwa (do povo Baniwa e professor da Universidade Federal do Amazonas), que ressalta a forma como os povos indígenas compreendem o território: sua fonte e sua condição de vida, incluindo tudo o que envolve o meio ambiente, o ar que se respira, os espíritos sagrados, o lugar de coexistência de todos os seres, humanos e não-humanos.

Na visão cosmológica indígena, a vida e o equilíbrio do ecossistema sempre prevalecem. Como a questão ambiental é a mais importante do nosso tempo e já que precisamos repensar a nossa relação com a natureza, o pensamento indígena é vital na discussão filosófica atual sobre a relação entre o homem e o meio ambiente.

### 3.3. A visão e a Consciência da Ayahuasca: as Mirações

Após tentar publicar seu artigo intitulado “Efeitos Antidepressivos do Psicodélico Ayahuasca em Depressão Resistente a Tratamento: um Ensaio Randomizado com controle de

Placebo” em 12 (doze) revistas científicas, o pesquisador Dráulio Araújo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conseguiu publicá-lo na *Psychological Medicine Review* da Universidade de Cambridge no início de 2017<sup>2</sup>.

Neste estudo conduzido ao longo de três anos, foi comprovada a eficiência de duas plantas que compõem a ayahuasca contra depressão em pessoas intratáveis. Pesquisas anteriores já haviam mostrado, em roedores e em humanos, que a ayahuasca tem potencial de melhorar a depressão. Com a nova pesquisa, comprovou-se que os pacientes que receberam a ayahuasca tiveram uma redução significativa durante sete dias na gravidade da depressão medida por escalas padronizadas em comparação com os que receberam o tratamento placebo.

A ayahuasca é uma bebida usada por povos tradicionais indígenas e em rituais religiosos, como o Santo Daime e a União do Vegetal. Ela é produzida a partir do cipó e da folhagem de duas plantas amazônicas: o mariri (*Banisteriopsis caapi*) e a chacrona (*Psicotria viridis*). Seus efeitos duram cerca de 4 (quatro) horas e podem incluir náusea, vômito e diarreia, mas evidências apontam que a ayahuasca é segura e não viciante.

Cientificamente), a propriedade psicoativa da ayahuasca (Wikipédia, 2021) se deve à presença, nas folhas da chacrona, da substância N,N-dimetiltriptamina (DMT), produzido em doses menores no organismo humano. O DMT é metabolizado pelo organismo por meio da enzima monoamina oxidase. O caapi possui alcaloides capazes de inibir os efeitos da MAO e, assim, evitar a oxidação da molécula de DMT, o que a tornaria inativa. Desse modo, o DMT fica ativo quando administrado por via oral, tendo sua ação prolongada.

A ayahuasca provoca alucinações entópticas (fosfenos), originadas entre o nervo ótico e o córtex cerebral, que se encaixam em padrões geométricos previsíveis, como mandalas, podendo também lembrar formas do mundo natural, como flores. Isto ocorre porque o agonismo de receptores 5-HT<sub>2A</sub> abaixa a pressão ocular, naturalmente produzindo fosfenos.

Ela também provoca alucinações eidéticas, as chamadas “visões”, originadas no hipocampo e no lobo temporal mesial, associadas à alta neuromodulação de acetilcolina. Sob o efeito da ayahuasca, um ambiente escuro e o repouso corporal potencializam alucinações eidéticas porque auxiliam as betacarbolinas (hipnóticos) na indução do estado hipnagógico, aquele estado transitório entre a vigília e o sono, no qual aumenta a atividade colinérgica.

Conforme a dose se eleva, há maior tendência de ocorrerem alucinações erráticas, estas definidas como alterações na percepção do espaço, principalmente do contorno e tamanho de

---

<sup>2</sup> Reportagem Jornal Folha de São Paulo, 15/06/2018. **Ayahuasca diminui sintomas de depressão em pesquisa brasileira.** Edição Imprensa. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2018/06/15/>

formas, e da passagem do tempo. Os efeitos hipnóticos das betacarbolinas induzem ondas cerebrais que favorecem as alucinações eidéticas, produzidas pela DMT e as ondas induzidas pela DMT favorecem as alucinações entópicas, produzidas pelas betacarbolinas.

A ayahuasca produz uma ampliação da percepção que faz com que se veja nitidamente a imaginação e acesse níveis psíquicos subconscientes e outras percepções da realidade, estando sempre consciente do que acontece. O estado alterado pode se dar por visões interiores. Em algumas experiências, o usuário consegue distinguir tais “visões” ou “mirações” pessoais do que vê externamente com seus olhos. Algumas vezes, estas visões podem se sobrepor e se misturar ao que vê com olhos abertos e a percepção de objetos externos também se altera.

Não se confunda “mirações” com “miragens”. As miragens são fenômenos óticos que, como visto, acontecem devido à refração da luz. Ao passar por meios com diferentes índices de refração a luz acaba sofrendo uma variação de velocidade e desvios. No caso das miragens, o meio é o mesmo, o ar, mas as diferentes temperaturas acabam gerando localidades com diferentes índices de refração.

Nas miragens, a temperatura do ar próximo ao solo acaba ficando bem elevada, quando comparada à camada de ar um pouco acima, gerando uma imagem distorcida ao observador, esse caso recebe a denominação de miragem inferior. No caso de uma camada de ar frio por baixo e uma camada mais quente por cima, resulta em uma miragem superior (“fata morgana”).

Ao se tomar ayahuasca, o buscador é chamado a um exame de consciência, revelando visões notáveis, *insights*, produzir catarses e consequentes experiências de renovação e de renascimento; visões arquetípicas, de animais, plantas e flores, mandalas, cidades, de espíritos elementais, de lembranças de vidas passadas ou de divindades.

#### 4. Conclusão

À guisa de conclusão, como entusiastas de estudos também multidisciplinares sobre clarividência, pré-cognição e retrocognição (ou seja, ver no presente eventos passados e futuros, em bases extrassensoriais e não inferenciais), passamos a contrapor os estudos da chamada “visão remota” com os temas tratados no presente artigo.

Visão remota (do inglês *remote viewing*) (Wikipedia, 2021) foi a prática de se buscar impressões de um alvo distante e escondido da vista física, utilizando meios paranormais. Este termo foi criado pelos físicos Russell Targ e Harold Puthoff da Universidade de Stanford. A visão remota permitiria a um observador usar alguma capacidade paranormal para reunir

informações de um determinado local, objeto, lugar ou pessoa, que estaria longe da visão física do observador.

Embora a visão remota clássica seja feita em tempo real, alguns praticantes alegam a possibilidade de cruzar a linha do tempo e ser remetido ao passado ou futuro. Seus defensores alegam que a visão remota se distingue de outras formas de clarividência por seguir um suposto protocolo experimental específico.

Nos anos 1990, o Conselho de Inteligência Militar Norte-Americano nomeou o Coronel William Johnson para gerenciar a unidade de visão remota e avaliar sua utilidade objetiva. O financiamento governamental se dissipou no final de 1994 e o programa entrou em declínio. O projeto foi transferido do DIA para a CIA em 1995.

Em 1995, a CIA contratou o American Institutes for Research (AIR) para realizar uma avaliação retrospectiva dos resultados gerados pelo Projeto Stargate. Os revisores inicialmente sustentaram que houve um efeito estatisticamente significativo, mas que as descobertas ainda tinham que ser replicadas independentemente e que mais investigações seriam necessárias.

O relatório AIR concluiu que nenhum dado de inteligência utilizável foi produzido no Projeto Stargate. David Goslin, do AIR disse não haver nenhuma evidência documentada de que os estudos sobre visão remota tivessem algum valor para a comunidade científica e de inteligência governamental.

Há mais valor, portanto, na “visão cega” do que na “visão remota”. O conhecimento e a verdade não são conquistados, levemente, com passes de mágica. São frutos de estudos filosóficos, históricos e literários, profundos e dedicados, que devem incorporar tantas “visões” ou linhas de pensamento quanto possíveis, desde indianos orientais até indígenas ocidentais.

Falar sobre filosofia, visão e consciência, no Brasil e no mundo, nos traz como “*efeito colateral*” a dificuldade inerente de se concluir ou se colocar um ponto final no presente artigo, dada a vastíssima e inesgotável amplitude do tema multidisciplinar aqui tratado. Muito resta por ser estudado, pesquisado, discutido e, principalmente, aprendido.

## Referências

AGOSTINHO DE HIPONA (Santo Agostinho). **A Trindade**. Trad. Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. **Cegueira Espiritual**. Ev. de São João, cap. 9, vers. 39-41.

\_\_\_\_\_. Livro do Eclesiastes, 3: 10- 11.

DESCARTES, René. **Discurso do Método. Meditações. Objeções e Respostas. As Paixões da Alma. Cartas.** Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores). Primeira e Segunda Meditações.

DIDIER DE MORAES, Maria Thereza. **Miragens peregrinas de Brasil no sertão encantado de Ariano Suassuna.** Edusp. 2004

FRANCO DONATELLI, Marisa C. de Oliveira. **A Visão e o Princípio de Correspondência em Descartes.** Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 26-35, jan | jun 2008.

HADDAD, Alice B. **A Visão Sensível como Imagem da Visão dos Inteligíveis.** Revista Trans/Form/Ação, Marília, v. 35, n. 3, p. 3-20, Set./Dez., 2012.

HESCHEL, A.J. **The Prophets.** Harper Torchbooks. Harper & Row Publishers. New York, Evanston, London.

ÍSVARAKRṢṆA. **Sāṃkhyakārika - Ísvarakṛṣṇa Memorable Verses on Sāṃkhya Philosophy with Comments of Gaudapadacarya.** Poona Oriental Series no. 9. The Oriental Poona Agency. 1933.

MEDEIROS, A. Melo. [www.sabedoriapolitica.com.br](http://www.sabedoriapolitica.com.br). Filosofia Política > Brasileira > Filosofia Indígena. Postado em fevereiro/2020. Consultado em 03/01/2021.

PEREIRA JR., Alfredo. **Comunicação Pessoal em 28/12/2020.**  
<https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/86755/alfredo-pereira-junior/>, autor de “Monismo de Triplo Aspecto: uma filosofia interdisciplinar para o século XXI”, entre outros.

PLATÃO. **Timeu e Crítias ou a Atlântida.** Edipro. São Paulo, 2012. Pg. 69.

REPORTAGEM BBC BRASIL, de 23/12/2008.  
[https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/12/081223\\_ceilabirinto\\_ba](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2008/12/081223_ceilabirinto_ba), visitado em 27/12/2020

REPORTAGEM JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 15/06/2018. **Ayahuasca diminui sintomas de depressão em pesquisa brasileira.** Edição Impressa.  
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2018/06/15/>

Verbetes “Ayahuasca”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ayahuasca>. Visitado em 04/01/2021.

\_\_\_\_\_. “Dársana”. <https://www.wisdomlib.org/definition/darshana#hinduism-general>, visitado em 27/12/2020.

\_\_\_\_\_. “História da Filosofia no Brasil”. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_da\\_filosofia\\_no\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_filosofia_no_Brasil), visitado em 03/01/2021

\_\_\_\_\_. “Óptica”. <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93ptica>, visitado em 02/01/2021

\_\_\_\_\_. “Remote Viewing”. [https://en.wikipedia.org/wiki/Remote\\_viewing](https://en.wikipedia.org/wiki/Remote_viewing). Visitado em 04/01/2021.

\_\_\_\_\_. “Visão”. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Vis%C3%A3o#Vis%C3%A3o\\_biol%C3%B3gica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Vis%C3%A3o#Vis%C3%A3o_biol%C3%B3gica), visitado em 27/12/2020

## VIEWS OF CONSCIOUSNESS IN THE PHILOSOPHY OF MIND AND BRAZILIAN PHILOSOPHY

### Abstract

While walking through a labyrinth full of curves and obstacles, a blind man endowed with the so-called “blind vision” states that, in his opinion, he believed he had walked in a straight line through an empty corridor. For the *darśana* (vision of truth) *Sāṃkhya*, knowledge comes from the *antahkaranas* (mind and intuition), through the receptivity of the *gnanendriyas* (including the eyes) and the *puruṣa* consciousness. For Plato, the eyes emit a fire through which is transmitted what affects the vision to a higher instance of the soul, which brings wisdom and reflection. For Saint Augustine, the intelligible vision, together with the superior reason, enables the contemplation of eternal truths. For Abraham J. Heschel, the invisible God of Israel is made audible by the prophets of the Old Testament. With René Descartes, our vision can deceive us. In *Dióptrica*, Descartes focuses on the formation of an image in the brain, composed of movements that act on the soul and cause vision. Lévi-Strauss criticizes certain abstract categories of Western philosophy, such as the Cartesian *cogito*, which radically separates man and nature. Among its purposes, Brazilian philosophy seeks to reintegrate these categories. Ceremonies for the reintegration of man with nature, with the use of ayahuasca, may cause visions called “miraciones”. Universal philosophy must incorporate as many “views” as possible.

**Keywords:** vision, consciousness, *Sāṃkhya*, knowledge, Indian philosophy, Western philosophy, Brazilian philosophy, ayahuasca, remote viewing.